

A memória do Holocausto; através do museu do Holocausto de Curitiba

Danielle Beiersdorf¹

Resumo: A presente comunicação baseia-se na pesquisa que está sendo desenvolvida no mestrado em História, Poder e Práticas Sociais, desenvolvido na UNIOESTE de Marechal Cândido Rondon, PR. O objeto do presente estudo é o museu do Holocausto em Curitiba inaugurado em 20 de novembro de 2011, que é o primeiro museu brasileiro voltado exclusivamente a Shoah (Holocausto judaico). O museu é um empreendimento da Associação Casa de Cultura Beit Yacoov, e está, situado junto à área do Centro Israelita Paranaense. Buscamos compreender através das análises, como o Holocausto é trabalhado pela instituição com o objetivo em difundir uma determinada “memória do Holocausto”. Para tanto analisaremos a exposição museográfica, refletindo a cerca das metodologias que o museu utiliza para esta representação da história, destacando, sobretudo a utilização de elementos de sensibilização como a visualidade, a estética e o apelo emocional por meio das obras de arte e dos semióforos. Analisaremos ainda as ações educacionais desenvolvidas pelo museu com um público específico, (estudantes) através da exposição e dos cursos e seminários disponibilizados.

Palavras-chave: Memória, Museu, Ensino.

O museu do Holocausto de Curitiba é o primeiro museu a representar/rememorar o Holocausto no Brasil. Voltado à representação histórica dos acontecimentos da segunda guerra mundial, o museu através de sua exposição rememora o Holocausto judaico, a Shoah. O museu do Holocausto de Curitiba, através de sua exposição, traz à cena cultural e patrimonial uma representação do Holocausto. O museu em questão constrói uma representação do Holocausto através de mecanismos audiovisuais, espaciais, musicais, textuais. A análise da narrativa museográfica aqui realizada levará também em conta o papel político e estético das imagens e das palavras (discurso expográfico). No museu, as imagens serviram como um aporte para a memória, tanto individual quanto coletiva. Andreas Huyssen² pontua que as imagens são uma forma de representação importante do passado, principalmente quando se trata de momentos traumáticos como o Holocausto.

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em História, área de concentração: História, Poder e Práticas Sociais da Universidade Estadual do Paraná, *campus* de Marechal Cândido Rondon /PR. Vinculada a linha de pesquisa Práticas Culturais e Identidades. Orientada pela prof^a Dr. Méri Frotscher, bolsista Capes/Araucária.

² Huyssen, Andreas. In: El pasado que miramos. Memória e imagen ante la historia reciente/ Claudia Feld y Jessica Stites Mor; compilado por Claudi Feld y Jessica Stites Mor – la Ed. – Buenos Aires : Paidós, 2009. p.15-16

O objetivo do museu do Holocausto de Curitiba é uma representação dos fatos que ocorreram durante o período em que o nazismo esteve no poder na Alemanha e, sem dúvida, não possui o objetivo de banalizar os fatos. Isto pode ser claramente observado através de sua postura de responsabilidade cultural, social, histórica e pedagógica. O que se nota a partir da exposição é a representação de um trauma histórico, que é apresentado para as futuras gerações, judaicas e não judaicas, com fins pedagógicos. Para a comunidade judaica de Curitiba, o museu é também um meio de atualização da identidade judaica e um mecanismo de afirmação da Associação Casa de Cultura Beit Yaacov.

A exposição é o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, do passado no presente, produzida por grupos, segundo seus valores culturais e políticos. O museu guarda uma série de documentos/monumentos, objetos, fotografias, testemunhos, e os expõe através de uma seleção e organização. A utilização de tais objetos, fotografias, testemunhos e narrações em seu ambiente denota uma intencionalidade. A exposição também é um mecanismo de reafirmar os fatos ocorridos durante a guerra e que dizem respeito ao Holocausto.

Os museus têm uma carga muito grande de signos, sentidos e significados. Como o museólogo Camilo de Mello Vasconcelos ressalta, “(...) o museu é um produtor de sentidos para a sociedade”(Vasconcelos, 2007). Os museus do Holocausto, principalmente os voltados à temática da Shoah³, são voltados para uma representação histórica, mas também são formas de trabalhar os traumas dos sobreviventes e descendentes.

Na análise de exposições museográficas, nos baseamos em Ulpiano Bezerra de Meneses(1994), que acentua a articulação existente entre os objetos e o espaço, por meio da qual ocorre a rememoração. No caso do museu em questão, já o espaço construído especificamente para abrigar o museu do Holocausto tem em si imbricado o objetivo da rememoração, já nasceu como um lugar para a rememoração criado especificamente para esse fim. O objetivo do museu foi criar um espaço que, através de inúmeras formas, se facilitasse a rememoração do Holocausto. Segundo ainda o mesmo autor, o museu é um meio de linguagem muito eficiente, pois através de seus vários mecanismos de sensibilização, a rememoração é facilitada: “A partir da seleção mental, ordenamento, registro, interpretação e síntese cognitiva na apresentação visual, ganha-se notável impacto pedagógico”(Meneses,1994,P.10) A partir desta citação é possível compreender como o

³ Shoah é a definição hebraica para o Holocausto judaico.

museu do Holocausto de Curitiba explora em sua exposição todos estes artifícios, com o intuito de levar o visitante a “viver”/rememorar a história.

A partir da exposição o museu organiza o seu quadro de tempo e espaço, e isto ocorre por meio de práticas discursivas. A partir deste ponto podemos pontuar algumas questões que levaram o museu a pensar a sua linha expográfica. Como representar o horror do Holocausto em um museu? Como, a partir da história/memória dos sobreviventes judeus que migraram para o Brasil, mais especificamente para o Paraná, contaríamos às novas gerações a história do Holocausto? Como, a partir da história da Associação Casa de Cultura Beit Yaacov, trabalhar de forma ativa, as questões de discriminação, racismo, intolerância na sociedade brasileira?

Estas são algumas das possibilidades de análise para a criação do “problema” expográfico, que poderiam nortear a narrativa da exposição do museu de Curitiba. Ainda sobre esta perspectiva nada impede que várias problemáticas estejam relacionadas a mesma exposição, e que vários objetivos sejam alcançados com o discurso expográfico. A exposição, assim como todo processo de produção de sentido na história, não é neutra. A linguagem/discurso do museu é uma construção de sentido que tem objetivos. No caso do museu de Curitiba, o objetivo declarado pelo museu é a educação contra todos os tipos de discriminação e intolerância. E isto é feito através da representação histórica de fatos e acontecimentos da segunda guerra mundial, que culminaram com a morte de 6 milhões de judeus.

Sensibilização e construção de sentidos através da exposição museografica

A coleção de objetos, fotografias e documentos do Museu do Holocausto de Curitiba são o resultado da cooperação/comodato entre a Associação Casa de Cultura Beit Yaacov, de Curitiba e alguns museus internacionais que apoiaram a criação do museu em Curitiba. Entre os institutos internacionais mais citados durante a exposição está o museu Yad Vashem,⁴ fundado em 1953, em Jerusalém, logo após a fundação do Estado de Israel. Este é o principal colaborador do museu e utilizado como referência tanto em relação à exposição, quanto às obras expostas. Boa parte das fotografias e objetos foi obtida por meio de empréstimo ou de doação daquele museu. Outra instituição colaboradora é a Fundação Shoah⁵, fundada em

⁴ <http://www.yadvashem.org/> que foi fundado em 1953 pelo parlamento de Israel, com o objetivo de preservar a memória dos seis milhões de judeus mortos pelo regime nazista

⁵ Fundação da História Visual dos Sobreviventes da Shoah. Home Page: <http://hsw.com.br/framed.htm?parent=shoah.htm&url=http://www.vhf.org/> que tem objetivo principal, gravar e

1994, em New York, da qual o museu recebeu doações de diversos documentos e testemunhos, alguns utilizados na exposição. Outra instituição ainda é o United States Holocaust Memorial Museum,⁶ fundado em 1989, em Washington, referência mundial para o ensino do Holocausto e com o qual a proposta pedagógica do museu de Curitiba mais se assemelha.

O museu do Holocausto de Curitiba também possui um acervo próprio, constituído por fotografias, objetos, documentos diversos (cartas, passaportes, vistos), objetos pessoais de sobreviventes que migraram para o Brasil, principalmente de membros da Associação Casa de Cultura Beit Yacoov e da comunidade Israelita do Paraná. O museu explora os sentidos cognitivos dos visitantes, visando a sua sensibilização, sobretudo por meio dos recursos visuais e sensoriais utilizados na representação dos eventos.

O termo “*exponer*” vem do latim e significa expor, apresentar algo. Na museologia, expor significa apresentar “algo” através de uma metodologia própria. Além de expor, os museus tem uma outra função: a de atribuir sentidos aos documentos. Os museus contemporâneos tendem a levar os visitantes à interpretação de símbolos e signos.

Assim os museus através dos semióforos, são objetos que a partir de sua entrada/inserção no museu, adquirem significados e simbologias diferentes da quais possuíam. A partir de então passam a estabelecer uma ligação entre o visível e o invisível, bem como uma interligação entre espaço e tempo. Como apontam André Desvallées e François Mairesse;

Os objetos no museu são desfuncionalizados e “descontextualizados”, o que significa que eles não servem mais ao que eram destinados antes, mas que entraram na ordem do simbólico que lhes confere uma nova significação (o que conduziu Krzysztof Pomian a chamar esses “portadores de significado” de *semióforos*) e a lhes atribuir um novo valor – que é, primeiramente, puramente museal, mas que pode vir a possuir valor econômico. Tornam-se, assim, testemunhos (com) sagrados da cultura. (Desvallées 2013. P. 70)

Os objetos (semióforos), ao entrarem no o universo dos museográfico, tem o seu valor de uso, substituído/ressignificado, tornam-se portadores de significados. Passam a ser documentos/fonte, possibilitando a representação de eventos ou fatos. A expectativa dos museus contemporâneos é despertar a interpretação através da experiência.

conservar depoimentos de sobreviventes e outras testemunhas do [Holocausto](#), através do recolhimento de depoimentos, foi fundado por Steven Spielberg (1994).

⁶ <http://www.ushmm.org/> um dos maiores museus do mundo em memória a todas as vítimas do Holocausto durante a Segunda Guerra Mundial, fundado em 1989

O museu em questão utiliza-se de diversas formas de sensibilização. As primeiras sensibilizações são despertadas por um conjunto de obras de arte expostas no pátio/ espaço externo de entrada, feita pelos artistas plásticos Guita Soifer e Andrew Rogers. As mesmas desempenham uma sensibilização inicial dos visitantes. Antes de adentrarem o espaço interno da exposição do museu propriamente dita, os visitantes se deparam com uma série de obras de arte e esculturas muito expressivas. As obras causam um impacto imediato nos visitantes durante a sua visualização.

Por meio da exposição interna, o museu do Holocausto de Curitiba trabalha muito a relação entre os objetos e alguns dos seus doadores, e suas histórias individuais, que são apresentados pela monitora/guia no decorrer da visitação. Uma das formas mais eficientes de sensibilização do museu se dá através das sensações térmicas (já que a temperatura do ambiente vai diminuindo conforme o núcleo em que se encontra), da iluminação (que destaca, revela algo ou cria um ambiente de penumbra), do som (o áudio de todas as salas foi construído a partir de uma seleção pelo artista Hélio Zinskind). Todos estes recursos são utilizados como estratégias que visam orientar a interpretação do visitante.

O objetivo assim, não é somente expor, mas por meio da exposição dar uma interpretação com base em princípios que possuem significados funcionais, significados simbólicos e conceituais (Meneses, 1994). Estes três elementos respondem através da exposição algumas questões importantes. A exposição museográfica é voltada à rememoração de acontecimentos ocorridos na Europa entre 1918 a 1953 e explora a fundo as três funcionalidades citadas anteriormente.

Outra metodologia de sensibilização cognitiva e educacional, é desempenhada pela música presente nos núcleos da exposição. A criação do museu visa, por meio da visualidade, da oralidade, da textualidade e das percepções daí advindas a rememoração de fatos históricos. O museu é um meio de suporte de linguagens muito eficiente, pois através de seus vários mecanismos de sensibilização, a rememoração é facilitada. Segundo Ulpiano Bezerra de Menezes: “A partir da seleção mental, ordenamento, registro, interpretação e síntese cognitiva na apresentação visual, ganha-se notável impacto pedagógico” (Meneses, 1994, p.10). A partir desta citação é possível compreender como o museu do Holocausto de Curitiba explora em sua exposição todos estes artifícios, para levar o visitante a “viver”/rememorar aspectos da história.

A partir do desenvolvimento tecnológico, as fontes audiovisuais passaram a ganhar cada vez mais espaço em espaços de rememoração. Isso não é diferente no museu do Holocausto de

Curitiba. Este dispõe de vários recursos tecnológicos, dos quais se utiliza, um destes recursos é o áudio. É por meio de trilhas sonoras que o museu também compõe sua exposição. As músicas, como ressalta Marcos Napolitano, são fontes “como qualquer outro tipo de documento histórico, portadoras de uma tensão entre evidencia e representação”(Napolitano, 2005. P.240). As músicas do museu são ainda mais significativas, pois todas elas são composições feitas no período histórico que é apresentado pela exposição.

A trilha sonora do museu é uma das estratégias de sensibilização cognitiva que os organizadores do museu, ao ser projetado, se ativeram. A parte audiovisual recebeu atenção especial e ficou a cargo de Hélio Zinskind, músico renomado no cenário brasileiro, formado em composição erudita pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Durante sua carreira conquistou visibilidade através de trilhas sonoras produzidas para programas de televisão, propagandas, rádio, cinema e trilhas sonoras (áudio guias) para museus. Entre os trabalhos que obtiveram maior visibilidade estão: “Vistas do Brasil” exposição sobre os artistas do século XIX, o áudio da exposição “Brasil + 500 anos” no ano 2000, exposição comemorativa ao Quincentenário de “descoberta do Brasil.

Helio Zinskind contou com o apoio de sua equipe composta pelos seguintes músicos: Vicente Falek - piano e sanfona, Alexandre Travassos - clarinete e Luiz Amato - violino. A produção da trilha sonora (áudio-guia) foi feita a pedido de Miguel Krigsner. Além de sua equipe de músicos, Zinskind contou ainda com apoio teórico de Silvia Rosa Nossek Lerner, historiadora, advogada, especialista em música judaica⁷. Silvia Lerner, de descendência judaica, desenvolveu uma pesquisa sobre a arte/música nos campos de concentração.

A partir desta pesquisa, Zinskind e Lerner selecionaram 13 músicas que foram gravadas/remixadas para compor a exposição do museu. Aliada aos objetos, à sensação térmica e à iluminação, a trilha sonora causa uma sensação diferente em cada ambiente. Todas as 13 músicas selecionadas possuem uma história. Seja pelo momento de sua criação (guetos, campos de concentração) seja pela história de vida de seus compositores (judeus, sobreviventes)

No livro “*Judaísmo e Modernidade suas múltiplas inter-relações*” no 3º capítulo, intitulado “As Várias Linguagens da Música Judaica”(Lerner, 2009) Silvia Lerner discorre sobre a produção musical durante o Holocausto e pontua que a música, nesse momento, foi

⁷ Todas as informações acima colocadas podem ser encontradas no site http://www.helioziskind.com.br/index.php?apg=pasta_det&ndi=50&ver=por

um meio importante de expressão das angústias e medos dos judeus confinados nos guetos e campos de concentração. Segundo ela:

Durante o domínio nazista, um pequeno mundo de pessoas conseguiu produzir canções, a grande maioria em ídiche, através das quais tem-se uma idéia do que era aquele mundo lacrado por fora, enquanto por dentro era culturalmente fermentado e fisicamente deteriorado.(Lerner, 2009, P. 415)

A autora informa que as canções produzidas naquele período foram reunidas após o fim da segunda guerra mundial, Lerner destaca assim o quão forte foi à capacidade cultural dos judeus durante o período em que ocorreu o Holocausto, mesmo em tempos adversos, como os enfrentados no período. Depois da guerra, foram catalogadas mais de 300 músicas, descobertas nos guetos, nos campos de concentração ou em posse de sobreviventes. Segundo ainda a autora:

Essas peças foram agrupadas em: canções de ninar, canções de trabalhadores, sátiras e baladas, canções de oração, canções de dor e angústia, vergonha e humilhação; canções sobre a vida no gueto, a preocupação dos pais em relação ao futuro de seus filhos, sobre atos heróicos, sobre o ódio ao inimigo, sobre o contra-ataque/a chamada para a luta, sobre fé e esperança de dias melhores. Não há músicas que evoquem tempos de normalidade, temas como amor e casamento, crianças brincando, alegria no trabalho e no estudo, humor ou felicidade. (Lerner, 2009, P. 415)

Alguma das canções que foram selecionadas para fazer parte do áudio guia do museu fazem parte deste conjunto de canções produzidas durante o período em que o social nacionalismo esteve no poder. As músicas escolhidas por Hélio Zinskind, com o auxílio de Silvia Lerner, foram regravadas sem os respectivos textos, priorizando apenas a melodia. Assim, as músicas apresentadas no museu não possuem letra, apenas acordes e arranjos, gravados em estúdio. No site⁸ de Zinskind é possível ouvir as músicas regravadas e as originais, o que torna possível uma análise mais detalhada das adaptações feitas pelo artista e sua equipe, bem como é possível visualizar o nome dos compositores originais. Sobre o papel da trilha sonora no museu do Holocausto, revela Hélio Zinskind: “No Museu, a trilha desempenhou o mesmo papel que a as canções desempenharam na vida daquelas pessoas: uma ferramenta para suportar a dor, enfrentar o que não se podia entender.”⁹

⁸ http://www.helioziskind.com.br/index.php?apg=pasta_det&ndi=50&ver=por

⁹ <http://www.helioziskind.com.br/index.php?mpg=16.50.00&nfo=551&ndi=50&tipo=audioguia>

A última canção apresentada pelo museu, a meu ver, é a mais significativa, e, portanto será apresentada para o presente artigo com detalhes do núcleo e da música. O ultimo núcleo da exposição subdivide-se em 2 períodos distintos. O primeiro refere-se ao período posterior ao fim da guerra, libertação dos prisioneiros e a busca por um local seguro para retomar a vida, preferencialmente Israel.

“Retorno a Vida, She’erit Hapleitá” é uma expressão utilizada somente na cultura judaica, e significa “O renascer da comunidade”. Assim esta parte inicial da sala tem como objetivo representar a reorganização judaica.



Figura 1 – Reorganização da vida.¹⁰

Os elementos de exposição deste espaço resumem se a fotografias, vídeos e totens. As fotografias representam os sobreviventes, e sua organização, podemos observar (da esquerda para a direita) que na primeira imagem ha um grupo grande de indivíduos em caminhões. A fotografia não possui uma descrição, portanto uma análise precisa em relação ao destino das mesmas é impossível.

Na segunda imagem podem ser observadas 11 crianças, a fotografia traz como elemento uma descrição. Retratando as mesmas como órfãs, que ficaram afastadas de seus familiares devido à proteção dos pais que as mandaram para orfanatos, igrejas, ou até as entregaram para que fossem criadas e adotadas por alemães com o intuito de salvar suas vidas. As três imagens seguintes são de sobreviventes de campos de concentração e ou de guetos, acolhidos, em transito e com seus familiares.

Os recursos tecnológicos utilizados nesta sala são projeções de filmes e depoimentos através de dois televisores e um totem, projeção de imagens através de um totem interativo, onde é possível acessar informações. Neste é possível acessar as rotas de imigração, (America do Norte, America do Sul, continente Africano, China, Israel) e dados quantitativos, como numero de mulheres homens, crianças, idades de imigrantes entre outros.

¹⁰ As legendas foram adicionadas por mim para facilitar a análise.

Entre a primeira e a segunda divisão da sala temos duas imagens de lados opostos. A primeira é a fotografia do navio “Hagna” que foi capturado quando tentava “entrar” em Israel.



Figura 2 – Navio de imigrantes.

Esta imagem faz parte do arquivo fotográfico do museu Yad Vashem, retrata uma das inúmeras tentativas de entrada de judeus no ano de 1947, que foi interceptada e capturada por soldados britânicos. A imagem que esta no museu não possui descrição, o que ao meu ver pode ser considerado uma falha didática, já que durante a visita guiada, acompanhada não houve menção ao episódio.

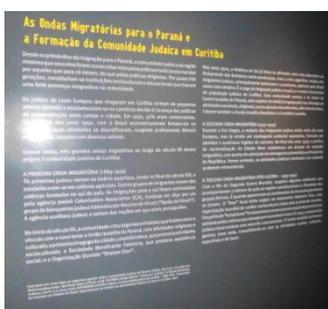


Figura 3 – Formação da comunidade judaica do Paraná.

Do lado contrario da sala, esta exposto um painel que descreve a formação da comunidade judaica no Paraná. O painel destaca que o Paraná teve três grande ondas de migração judaica. A primeira entre os anos de 1889-1929, bem anterior a segunda guerra mundial, mas já impulsionados pela perseguições que sofriam na Europa. A segunda entre 1930 – 1945 durante a era Vargas e a terceira entre 1945 -1955 logo após o fim da guerra, impulsionados intensivamente pelos grupos de jovens sionistas que já existiam no Brasil. O painel é complementado por imagens de judeus que estabeleceram sua residência na cidade de Curitiba, as imagens são seguidas pelos nomes e sobrenomes. A partir deste painel podemos observar que o museu conecta uma história maior (Europa) ao local (Brasil, Curitiba), buscando construir um elo de ligação e reforçar a ligação entre comunidade judaica

de Curitiba e Holocausto, também colocando o holocausto como elemento reforçador de uma identidade judaica no Paraná.



Figura 6 – Monumento as vítimas.

No centro da sala há um monumento feito em ferro para todas as vítimas do holocausto, onde se lê “Permita que suas almas estejam em paz; e que elas possam estar unidas à corrente da vida eterna. Amém.”¹¹ Na parte superior do monumento há uma estrela de Davi, símbolo do judaísmo, e logo abaixo da inscrição uma espécie de depósito para pedras. Segundo a tradição judaica as pedras representam a “saudade” que se sente, pois a pedra não murcha nem desaparece. Este monumento ao fim da exposição é recorrente em todos os museus do Holocausto. Nos cemitérios judaicos também é comum encontrar pedras em cima dos túmulos, esta representação tende a reforçar ainda mais a identidade judaica e a manutenção das tradições.

¹¹ Inscrição do monumento.

Assim a música em destaque na sala/núcleo é a mais significativa pois é que finaliza a exposição e também é a canção com maior conjunto de símbolos e significados. O espaço final da exposição intitulado “She’erit Hapleitá”, ou seja, o renascer da comunidade judaica é o espaço destinado a exposição das imigrações, a volta das tradições judaicas e o recomeço da vida para os judeus perseguidos durante o período representado por toda a exposição museográfica. Também é neste espaço que o estado de Israel tem o maior destaque. Através da exposição de sua bandeira e da música em questão. Todas as canções anteriores apresentadas são constituídas de histórias de vida de judeus que vivenciaram o Holocausto. Alguns sucumbiram ao regime nazista, já outros sobreviveram. Porém a última canção é a representação do Estado de Israel através do Hino de Israel. A música apresentada neste espaço é a materialização, (por meio da música) do vínculo existente entre a congregação de Curitiba e do museu com o Estado de Israel. Através do hino de Israel “Hatikva” ou “Esperança” foi composto a partir de um poema de Naftali Herz Imber, poeta polonês. A canção passou a ser oficialmente o hino de Israel em 1948, na cerimônia de declaração de independência do Estado.

Hino de Israel

Kol od balevav penima
Nefesh Yehoudi homia
Oulefatei mizrach kadima
Ayin le Tsion tsofia
Od lo avdah tikvateinou
Hatikva bat schnot alpaïm
Lhiot am chofshi be artseinou
Erets Tsion ve'Yeroushalaim
Od lo avdah tikvateinou
Hatikva bat schnot alpaïm
Lhiot am choshi be artseinou
Erets Tsion ve'Yeroushalaim

Enquanto no profundo do coração
A alma de um judeu arder
E na direção do Leste
Para Sião os olhos se voltarem
Nossa esperança não estará perdida
A esperança de dois mil anos
De ser uma nação livre em nossa terra
A terra de Sião e Jerusalém
Nossa esperança não estará perdida
A esperança de dois mil anos
De ser uma nação livre em nossa terra
A terra de Sião e Jerusalém

Esperança

A exposição assim como todo o processo produção de sentido na historia, não é neutra, a exposição museográfica é uma construção de sentido que tem objetivos determinados. Também é o caso das músicas apresentadas na exposição. A exposição do museu é encerrada com o hino de Israel. Por meio da música, então, se reforça o que já se pôde apreender em alguns momentos da exposição. Este é mais um elemento que revela como, por meio da criação do museu no Brasil, há uma tentativa por parte da Associação Casa de Cultura Beit Yaacov em reafirmar sua identidade judaica e seu vínculo com Israel.

Referências

- ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação: Formas e transformações da memória cultural/** Aleida Assmann; tradução: Paulo Sothe. –Campinas, SP: Editora da Unicamp.2011
- ARENDT, Hannah; **Eichmman em Jerusalém: Um relato sobre a banalidade do mal.** Tradução: José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- Baer, Alejandro. **Holocausto. Recuerdo y representación.** Editora Madrid, 2006.
- BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica.** José Lino Grünnewald e publicado em A idéia do cinema. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.
- Castells, Manuel. **A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura.** Tradução Klausss Brandini Gerhardt. Editora Paz e Terra. 2002
- Choay, Françoise. **A alegoria como patrimônio /** Françoise Choay: tradução de Luciano Viera Machado. – São Paulo: Estação Liberdade: Editora UNESP, 2001
- Costa, Helouise . **Da fotografia como arte à arte como fotografia: a experiência do Museu.** Anais do Museu Paulista. São Paulo. N. Sér. v.16. n.2. p. 131-173. jul.- dez 2008
- Desvallées, André e Mairesse, François. **Conceitos Chave de Museologia.** Editores André Desvallées e François Mairesse . Tradução e comentários Bruno Brulon Soares e Marília Xavier Cury. Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus. Pinacoteca do Estado de São Paulo. Secretaria de Estado da Cultura .São Paulo 2013.
- FRANCASTEL, Pierre. **A realidade figurativa.** Tradução de Mary Amazonas Leite de Barros. São Paulo: Editora Perspectiva.

Ginzburg, Carlo. **Memória e globalização**. Esboços. V. 16, n. 21, 2009. CERTEAU, M. A cultura no plural. Campinas: Papirus, 1995.

_____ **Memória e globalização**. Esboços. V. 16, n. 21, 2009. P. 9-21. Disponível em: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/11444>

Hall, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade** / Stuart Hall: tradução Tomaz Tadeu da Silva. Guaracira Lopes Louro – 6. Ed. – Rio de Janeiro: DP &a, 2001.

HUYSSSEN, Andreas. **Em Busca del futuro perdido; Cultura y memoria em tiempos de globalización**. Fondo de Cultura de Argentina. S. A. El Salvador. Buenos Aires. 2001.

_____ In: **El pasado que miramos. Memória e imagen ante la historia reciente**/ Claudia Feld y Jessica Stites Mor; compilado por Claudi Feld y Jessica Stites Mor – 1a Ed. – Buenos Aires : Paidós, 2009.

LaCapra, Dominick. **Representar el Holocausto: historia, teoria y trauma**. 1a ed. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2008.

LE GOFF, Jaques. **História e memória**. 2. Ed. Campinas: UNICAMP, 1992.

LEVI, Primo. **É isto um homem?** Tradução de Luigi DelRe. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

Lerner, Silvia. **As várias linguagens da musica judaica**. In **.Lewin, Helena. Judaísmo e Modernidade suas múltiplas inter-relações**. Esta publicação é parte da Biblioteca Virtual de Ciências Humanas do Centro Edelstein de Pesquisas Sociais – www.bvce.org - Rio de Janeiro 2009

Meneses, Ulpiano Toledo Bezerra de. **O campo do patrimônio cultural: Uma revisão de premissas**. 1 Fórum do patrimônio cultural. Vol. 1

_____ **O museu e o problema do conhecimento**. In, Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material. An. mus. paul. vol.2 no.1 São Paulo 1994.

_____ **O campo do patrimônio cultural: Uma revisão de premissas**. 1 Fórum do patrimônio cultural. Vol. 1 P.36

_____ **Do teatro da memória ao laboratório da História: a exposição museológica e o conhecimento histórico**. Anais do Museu Paulista. São Paulo. N. Ser. v.2 P.9-42 jan./dez. 1994.

Napolitano, Marcos. **A história depois do papel.** In **Fontes históricas.** Carla Bassanezi Pinsky Editora Contexto. São Paulo. 2005.

OSTERHAMMEL, J. 2001. **Geschichtswissenschaft jenseits des Nationalstaats: Studien zu Beziehungsgeschichte und Zivilisationsvergleich.** Göttingen, Vandenhoeck & Ruprecht, 384 p. - História além do Estado-nação: Estudos sobre a história do relacionamento e comparação.

POULOT, Dominique. **Museu e museologia** / Dominique Poulot; tradução Guilherme João de Freitas. – Belo Horizonte: Autentica Editora, 2003.

_____ **Cultura, História, valores patrimoniais e museus.** VARIA HISTÓRIA Belo Horizonte, vol. 27, nº 46: p.471-480, jul/dez 2011

Sarlo, Beatriz. **Tempo passado : cultura da memória e guinada subjetiva** / Beatriz Sarlo ; tradução Rosa Freire d'Aguiar - São Paulo : Companhia das Letras. Belo Horizonte, : UFMG, 2007.

SCHUCMAN, Lia Vaimer. **Produção de sentidos e a construção da identidade judaica em Florianópolis.** 2006. 109 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Santa Catarina.

Silva, Tomaz Tadeu Da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais/** Tomaz Tadeu da Silva. (org.) Stuart Hall, Kathryn Woodward. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

SOUZA, Marcelo de Sá de. **Sobre os museus pela paz/ Marcelo Sá de Souza,** 2012, Universidade Federal do estado do Rio de Janeiro; MAST, Rio de Janeiro, 2012.

TODOROV, Tzvetan. **Memória do mal, tentação do bem** / tradução de Joana Angélica D'Avila Melo – São Paulo: Arx, 2002.

Vasconcellos, Camilo de Mello. **Imagem da Revolução Mexicana. O Museu Nacional da História do México (1940-1982)** – São Paulo: Alameda, 2007 .

VIDAL-NAQUET, Pierre. **Os assassinos da memória: um Eichmann de papel e outros ensaios sobre o revisionismo.** Tradução de Marina Appenzler, Campinas, SP: Papyrus, 1998.

Von Plato, Alexander. **Traumas da Alemanha.** In: FERREIRA, Marieta de Moraes, FERNANDES, Tania M.; ALBERTI, Verena (Org.) História oral: desafios para o século

XXI. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz/CPDOC - Fundação Getulio Vargas, 2000.